

Extrato do documento
Avaliação Externa do Projecto de Educação para o
Empreendedorismo (PNEE)

Levantamento Nacional de Dados

Coordenação: Eduardo Correia, Teresa Seabra

20 de Dezembro de 2010

Índice

Sumário Executivo.....3

Metodologia.....3

Análise.....4

Sumário Executivo

O CIES / ISCTE-IUL (Centro de Investigação e Estudos em Sociologia / Instituto Universitário de Lisboa) encontra-se em conjunto com o Ministério da Educação a desenvolver um trabalho de Identificação e Avaliação das práticas decorrentes do *Projecto de Educação para o Empreendedorismo*.

A 1ª Fase deste estudo consistiu no levantamento de processos, práticas e resultados das Escolas participantes. A esta fase foi dado o nome de *Levantamento Nacional de Dados*. Para esse efeito foi desenhado um inquérito para ser disponibilizado a todas as escolas participantes no PNEE. Ao inquérito responderam 39 dos 89 Agrupamentos / Estabelecimentos particulares / Escolas não Agrupadas (44% do total). Os 39 inquiridos integram um total de 228 escolas, e nos dados que nos forneceram registaram a participação de 3425 alunos em 127 projectos. Apesar da amostra ser de conveniência, possui uma dimensão relativa ao universo de grande conforto, permitindo por isso encarar os dados fornecidos e os respectivos resultados com grande confiança.

Metodologia

Nesse âmbito e para uma eficaz recolha de dados realizou-se um inquérito on-line envolvendo um total de 89 Agrupamentos / Estabelecimentos particulares / Escolas não Agrupadas, todas previamente contactadas pela DGIDC e pela equipa de investigação.

As escolas foram todas informadas pelo Ministério da Educação da existência do estudo, e no dia 6 de Dezembro foi-lhes enviado um e-mail com as instruções de preenchimento do questionário assim como os contactos da helpdesk da equipa responsável pela condução do projecto. Cada escola dispôs de um código de acesso à plataforma online que esteve disponível até ao dia 17 de Dezembro.

Da lista das escolas que participaram no projecto algumas sofreram alterações, nomeadamente de reestruturação, sendo o caso mais frequente, a integração em agrupamentos de escola. Foram detectadas 2 escolas que não participaram no projecto, ou seja, apesar da candidatura, o projecto não foi efectivado. Uma dessas escolas foi seleccionada como estudo de caso no sentido de identificar as causas da abrenúnciação.

A equipa do projecto decidiu também pela inventariação das razões pelas quais um conjunto significativo dos elementos da população inquirida não respondeu. As justificações enunciadas pelas escolas foram essencialmente as seguintes:

- Os elementos das equipas dos projectos já não se encontravam na escola;
- Os projectos eram vários e os dados pedidos no inquérito implicavam uma intensidade excessiva de trabalho de pesquisa por parte da escola;
- Os beneficiários dos projectos e elementos que participaram já não se encontravam na escola, tanto os alunos como os docentes;

Análise

A análise dos resultados (*figura 1*) mostra que 92,3% das respostas são provenientes de escolas públicas e agrupamentos de escolas sendo 3 escolas privadas (7,7%). O PNEE iniciou-se em 61,5% (24 estabelecimentos) no ano lectivo de 2007/2008 que corresponde ao primeiro ano após o ano do projecto-piloto que, por sua vez, surge logo em segundo lugar com 35,9% (14 estabelecimentos). Apenas uma escola deu início no ano de 2009/2010 (*figura 2*).

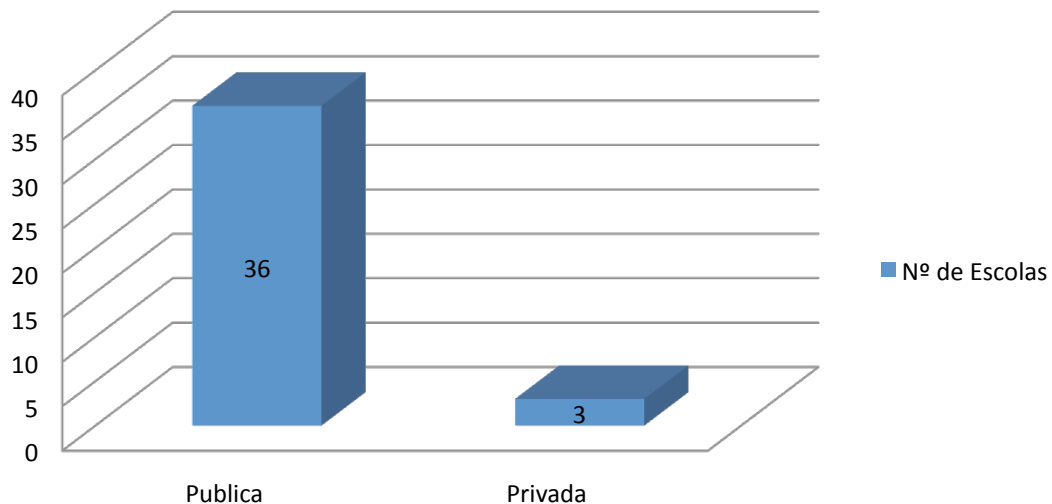


Figura 1 – Tipo de escola

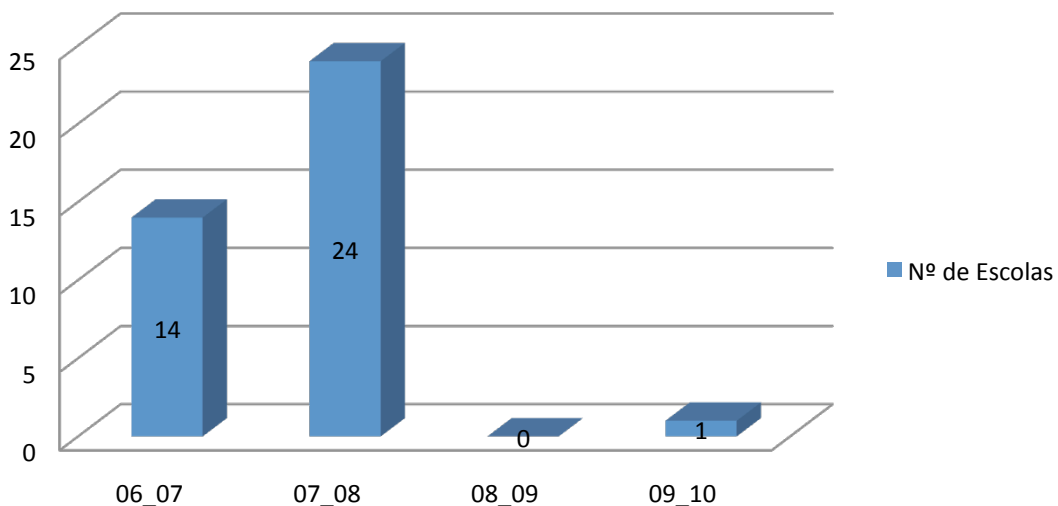


Figura 2 – Ano de Inscrição

De um modo geral as escolas optaram por proceder à divulgação interna do PNEE utilizando várias formas em simultâneo. O PNEE foi essencialmente divulgado pelos professores e pelos directores de turma, tendo num número relevante de situações as escolas optado pela produção de circulares internas e até por cartazes informativos.

Tendo em conta o total de 39 escolas e os correspondentes 127 projectos, podemos concluir que em média cada escola desenvolveu aproximadamente 3 projectos (média=3,25). No total dos 3425 alunos envolvidos, cada escola mobilizou, sobretudo,

como demonstra a *figura 3*, entre 21 e 50 alunos (33,3%). Há escolas que serão analisadas pormenorizadamente no estudo de casos que envolveram cerca de 200 alunos com apenas 1 ou 2 projectos.

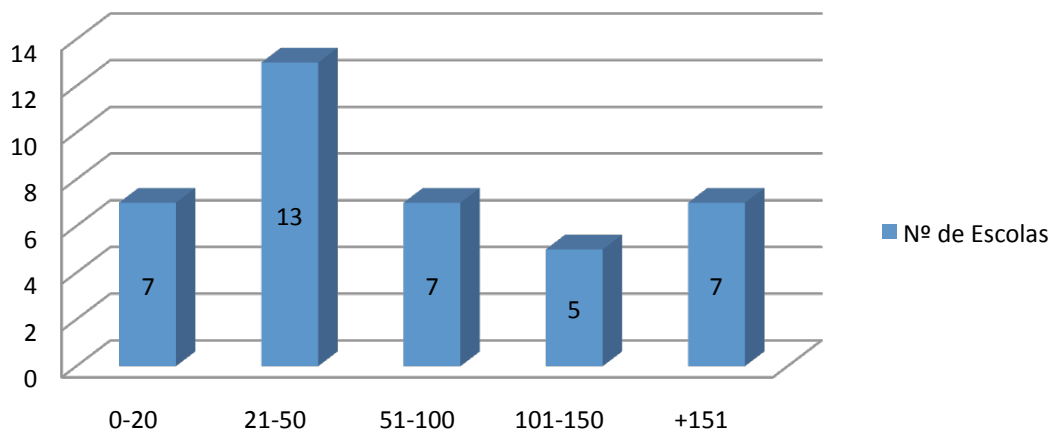


Figura 3 – Nº de alunos por escola

À questão relativa aos elementos que constituíam a Comissão de Acompanhamento dos projectos, verifica-se que, do total de 131 elementos mencionados nas respostas (*figura 4*), os grupos predominantes são essencialmente professores distribuídos pelas disciplinas, direcção de turma ou direcção de escola. No grupo de outros (17,6%) encontram-se essencialmente alunos, pessoal não docente, encarregados de educação e pais. No respeitante a técnicos de entidades especializadas de apoio e acompanhamento aos projectos foram, para os 127 projectos, mencionados 72 elementos. Importa ainda referir que cerca de 76 docentes / técnicos beneficiaram da acção de formação no âmbito do PNEE.

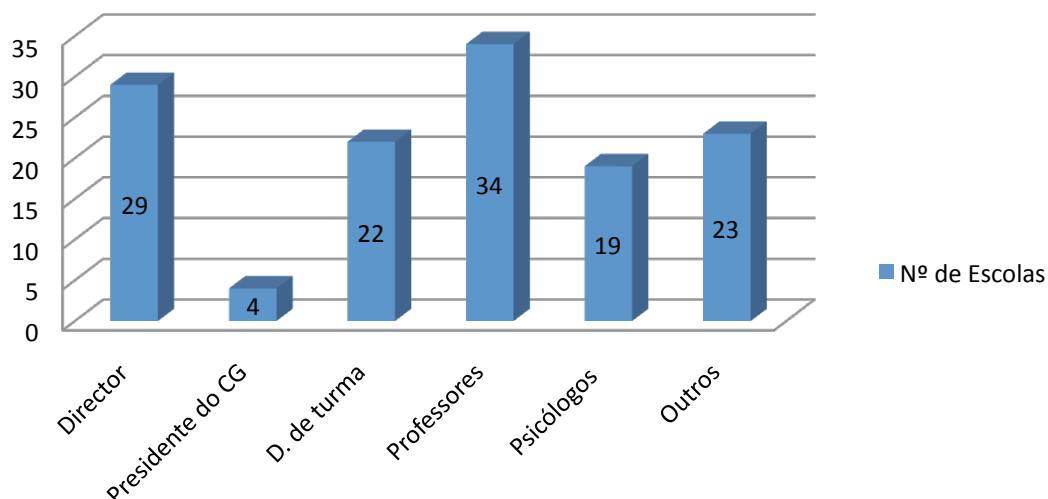


Figura 4 – Elementos da Comissão de Acompanhamento

No que respeita às parcerias estabelecidas verifica-se uma divisão equilibrada entre entidades públicas (56,6%) e privadas (43,4%) num total de 212 parcerias (*figura 5*). Os parceiros são sobretudo entidades locais.

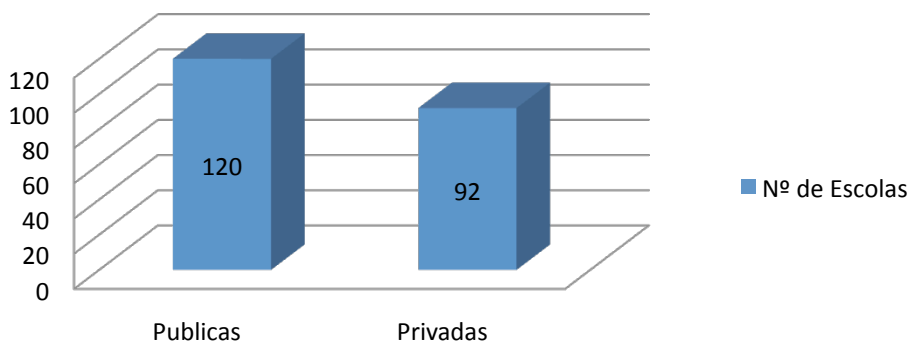


Figura 5 – Parcerias estabelecidas

Focando a análise nas áreas de actuação de cada projecto verifica-se uma tendência para projectos de âmbito social seguindo-se as áreas científico-tecnológica e ambiental (*figura 6*).

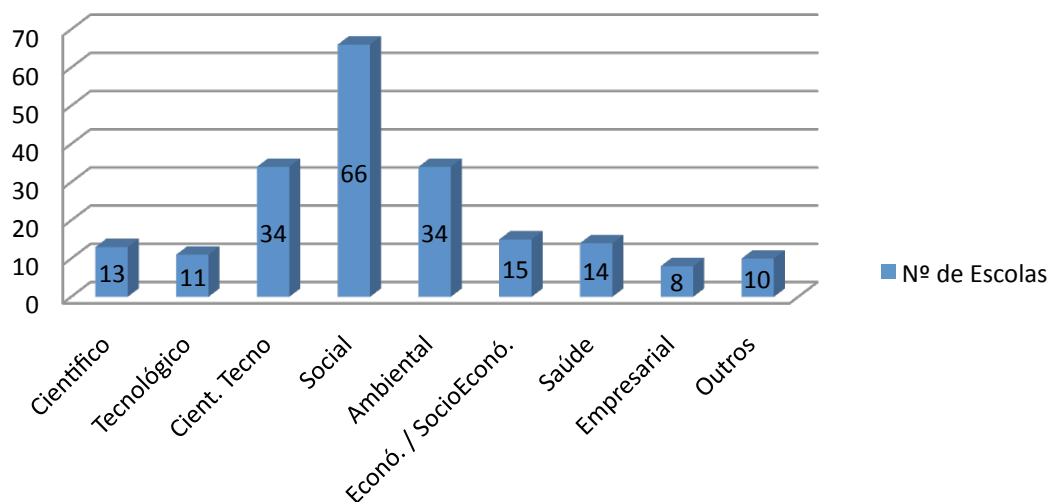


Figura 6 – Âmbito do Projecto

A maioria dos projectos tem um cariz prático (*figura 7*) com duração de 1 ano (*figura 8*) e envolvem sobretudo alunos do 12º ano, 7º e 9º ano (*figura 9*).

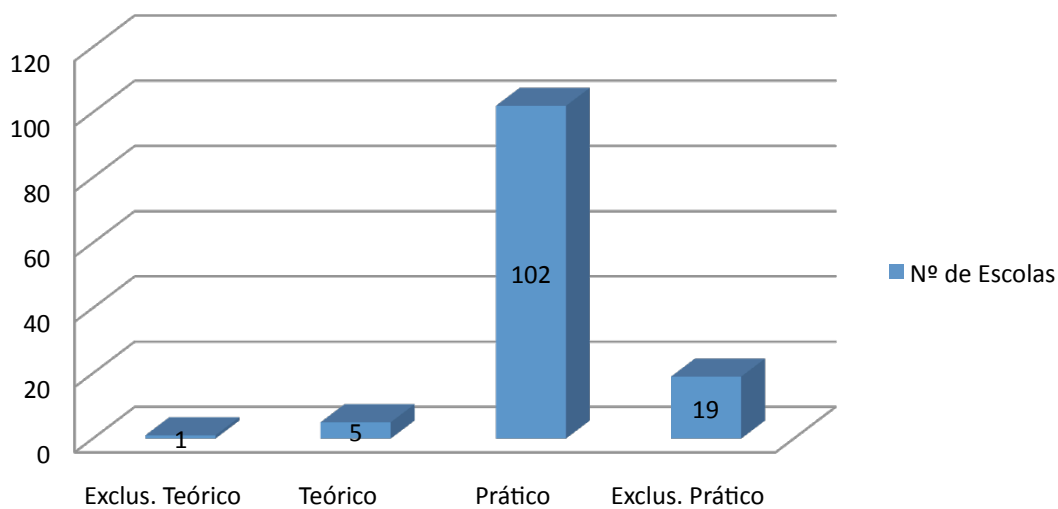


Figura 7 – Perfil dos Projectos

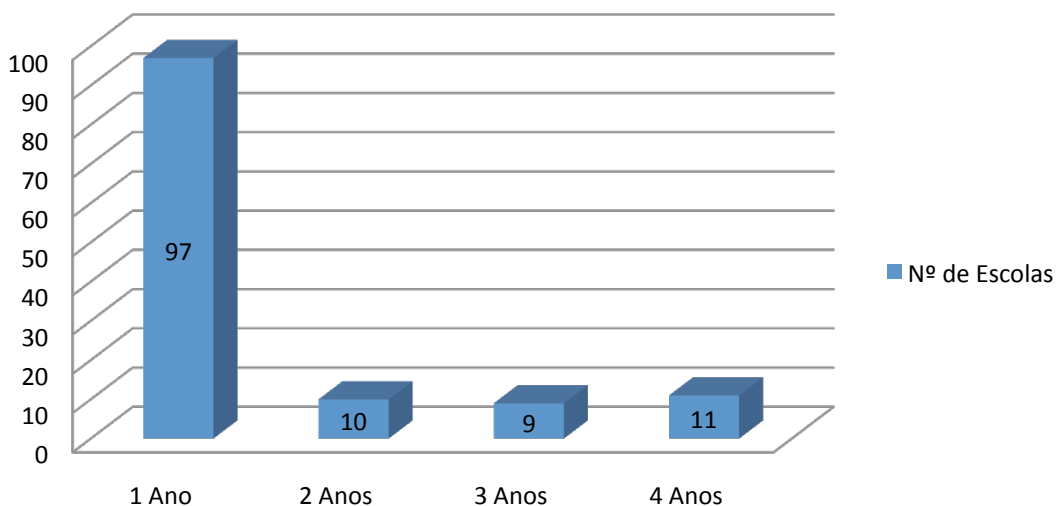


Figura 8 – Duração dos Projectos

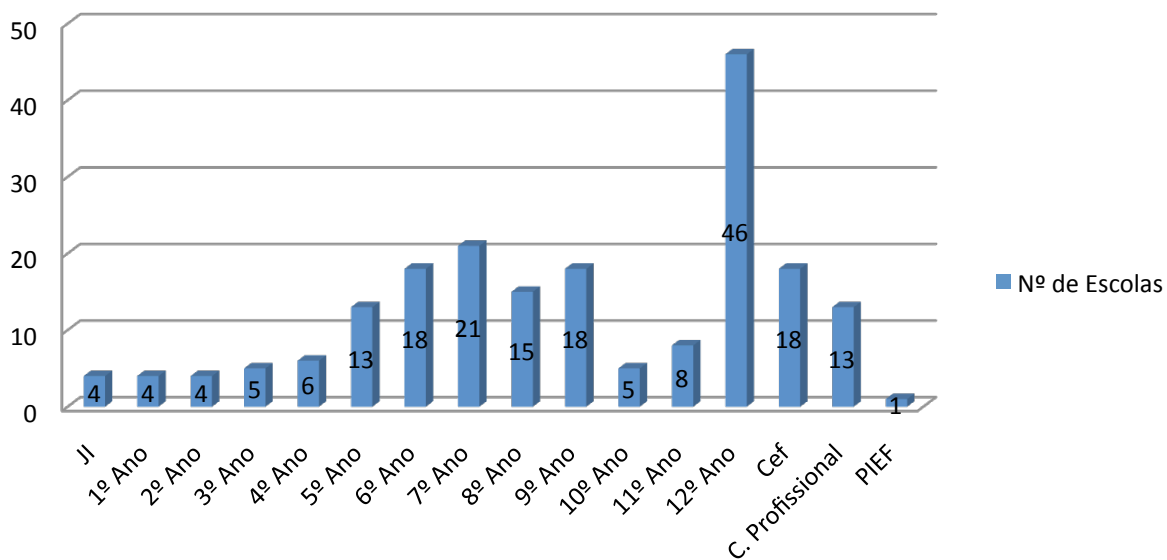


Figura 9 – Escolaridade dos Alunos

As equipas de trabalho foram constituídas voluntariamente (58,9%) ou por decisão do responsável do projecto (17,2%). Os projectos tiveram essencialmente 1 ou 2 responsáveis.

O projecto tipo estabeleceu entre uma e cinco parcerias (*figura 10*), seguindo-se aqueles que não tiveram qualquer parceria. Destaque para o projecto que conseguiu mais de 15 parcerias, trata-se do projecto “Saúde, Ambiente, Qualidade de Vida e Inovação Tecnológica”.

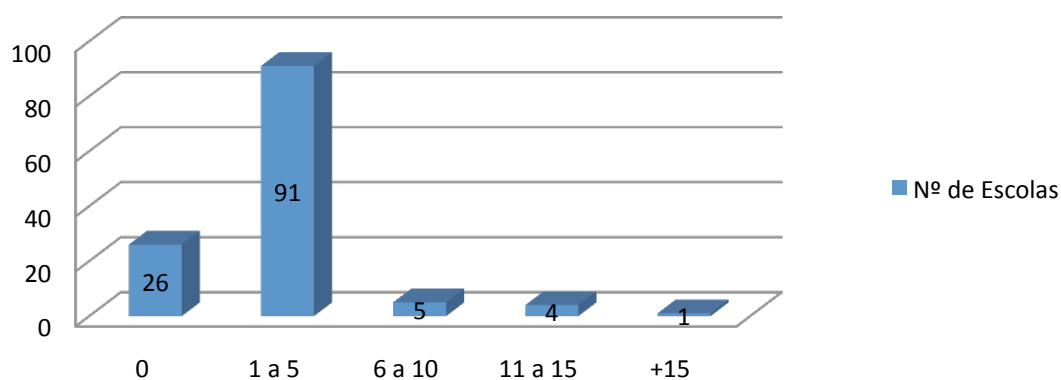


Figura 10 – Nº de Parcerias Estabelecidas

Os principais beneficiários dos projectos desenvolvidos foram os alunos e a própria escola (*figura 11*), seguindo-se os docentes e a comunidade local.

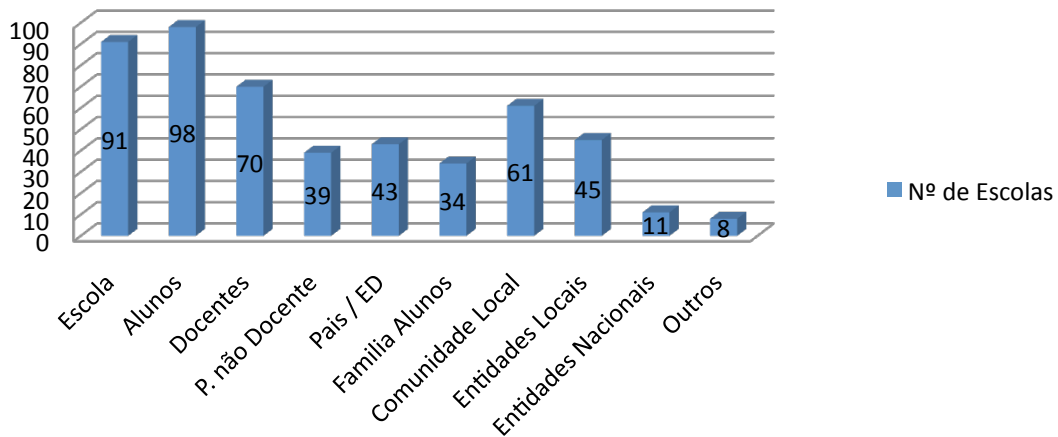


Figura 11 – Nº de Destinatários/Beneficiários

A forma de divulgação dos projectos junto dos beneficiários passou pelo contacto directo e pela realização de actividades da equipa envolvida com o projecto, opções que revelam dinamismo por parte dos envolvidos. Segue-se o recurso às campanhas de divulgação e, só depois, as tecnologias, como a Página Web das escolas (*figura 12*).

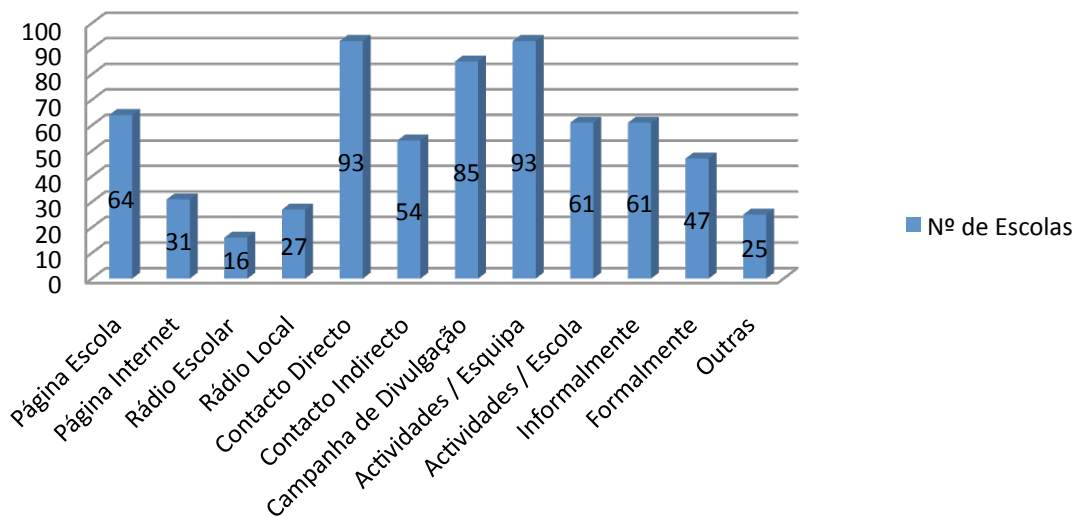


Figura 12 – Divulgação junto dos Beneficiários e Parceiros

O resultado dos vários projectos traduziu-se essencialmente em campanhas de informação, na produção de peças, produtos e protótipos (*figura13*).

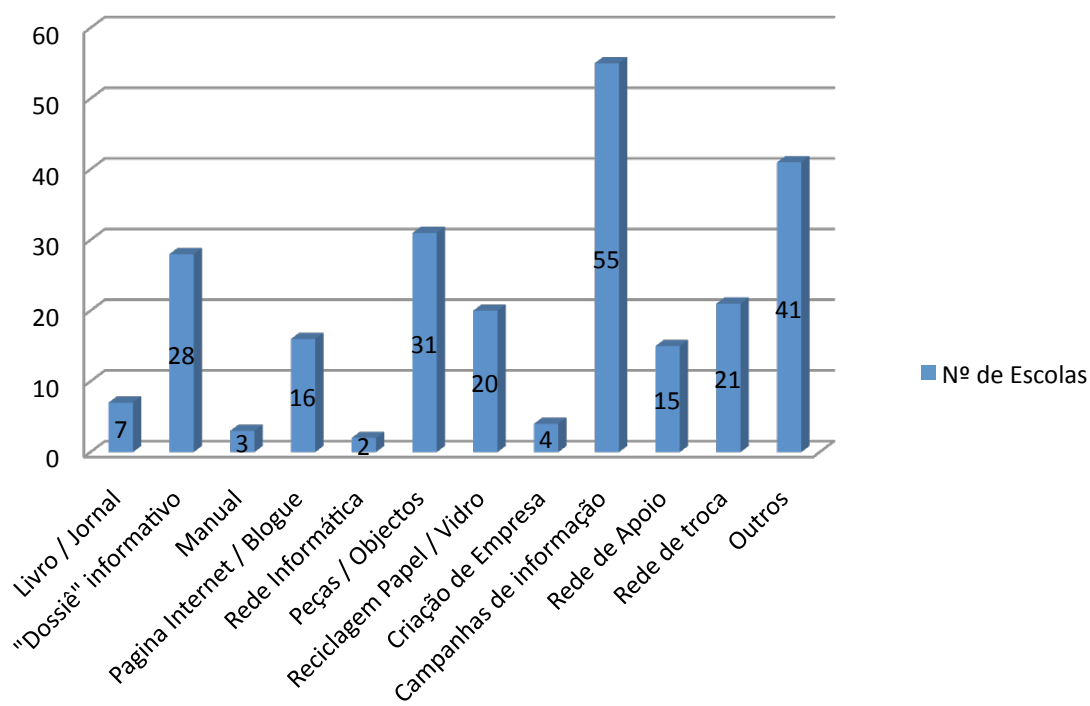


Figura 13 – Resultados

Dos projectos analisados resultaram materiais pedagógicos, sobretudo portefólios, vídeos e fichas de trabalho (*figura14*). A maioria das escolas considera ter criado condições de disseminação das práticas estabelecidas nos respectivos projectos (*figura 15*).

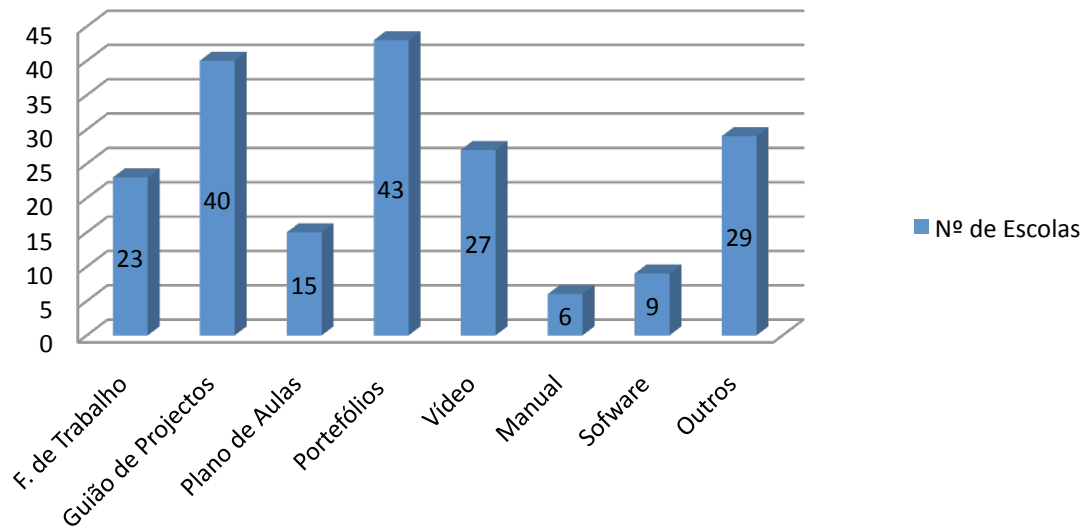


Figura 14 – Materiais Pedagógicos

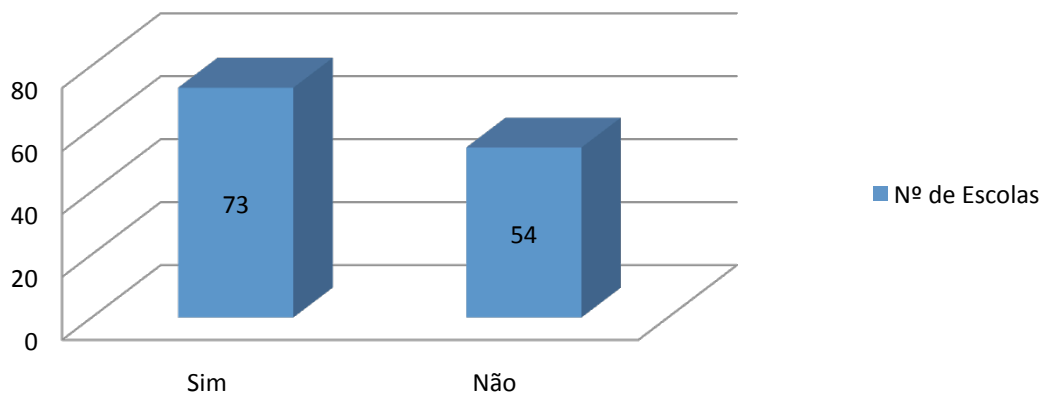


Figura 15 – Condições para Disseminação e Replicação

Do total dos 127 projectos registados no inquérito, 91 já não estão activos por apenas terem duração de 1 ano; 36 continuam em funcionamento

Nos 27 que continuam em funcionamento mas em moldes diferentes do inicial, as alterações dizem essencialmente respeito à equipa e aos responsáveis (*figura 16*). Estas alterações nas equipas podem ser explicadas por alterações e circulação dentro do corpo

docente nas escolas e, por outro no caso dos alunos, o facto dos projectos envolverem geralmente alunos no final de ciclo.

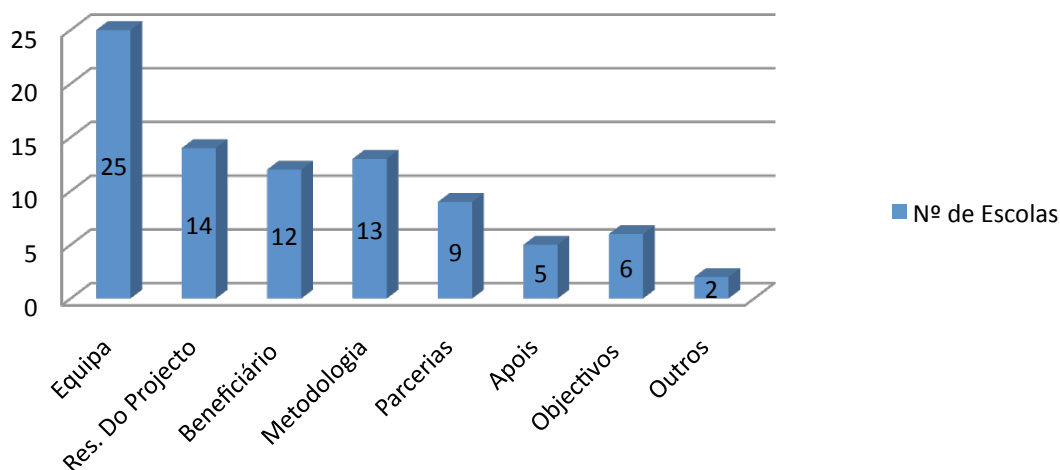


Figura 16 – O que Mudou?

As práticas resultantes dos projectos revelam-se também na forma como os estabelecimentos de ensino envolveram as diversas disciplinas e áreas curriculares na sua execução assim como o modo como foram articuladas. Sobre este último ponto, a generalidade das escolas consideram que houve articulação entre as disciplinas e os projectos (108 respostas afirmativas e 19 negativas). As escolas consideraram extremamente importante o envolvimento das áreas curriculares não disciplinares Área de Projecto e Formação Cívica. Língua Portuguesa e as disciplinas TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação apresentam também graus relevantes de envolvimento.

No que diz respeito à avaliação do projecto pelos diferentes elementos integrantes do contexto escolar, a taxa de resposta obtida foi relativamente baixa, (*figura 17*). Poderá significar que não se instituíram mecanismos de avaliação que aferissem com algum grau de consistência o reconhecimento da importância do projecto pelos diferentes agentes envolvidos e daí o elemento responsável por responder ao inquérito ter optado por uma não resposta. Será certamente reflexo de um enfoque essencialmente direccionado para as equipas de alunos e respectivos projectos.

Verifica-se contudo uma posição diferente quando se pede uma avaliação do impacto do projecto nos diferentes elementos constituintes do tecido escolar, e aí verifica-se o reconhecimento da existência de impactos directos e indirectos nos vários grupos de elementos, (figura 18).

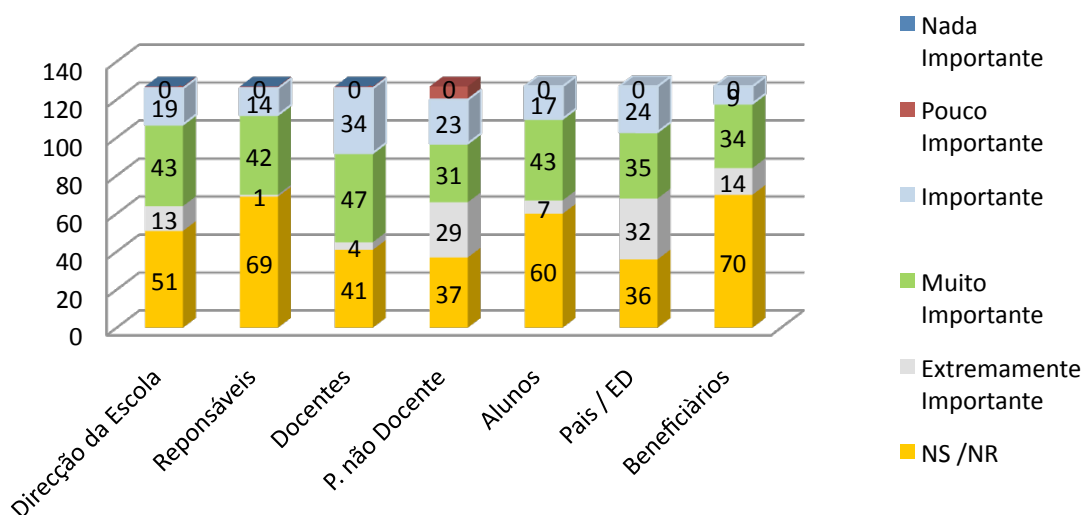


Figura 17 – Avaliação do Projecto

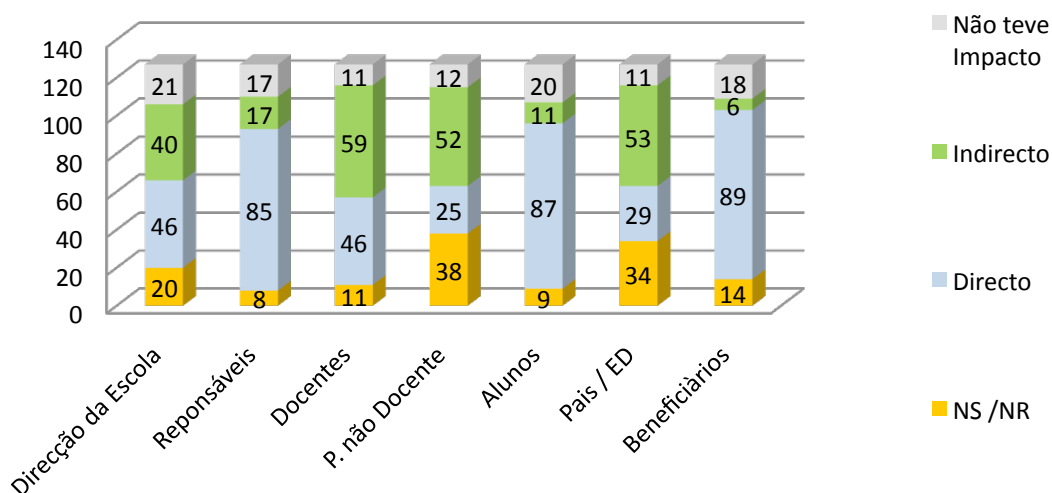


Figura 18 – Impacto do Projecto

O Estudo de Casos

Com a análise de dados realizada dá-se início à fase de Estudos de Casos cujo propósito consiste em identificar e analisar as práticas que levaram à construção dos melhores projectos identificados na Etapa 1, assim como, nos casos opostos, determinar as razões do não funcionamento e abandono. Esta fase servirá de apoio ao conjunto de recomendações que iremos propor para que a implementação de projectos de educação para o empreendedorismo nas escolas do país possa ser simplificada e consequentemente mais eficaz.

ISCTE-IUL, 20 de Dezembro 2010

Eduardo Baptista Correia

(coordenador do projecto)

Extrato do documento Avaliação Externa do Projecto de Educação
para o Empreendedorismo (PNEE)

Fase 2 - Realização de Estudos de Caso

Coordenação: Eduardo Correia, Teresa Seabra

4 de Fevereiro de 2011

Índice

Enquadramento

Objectivos

Pontos de controle no percurso educativo.....

 Observação.....

 Conclusão.....

 1ª Recomendação

Tempo e disponibilidade.....

 Observação.....

 Conclusão.....

 2ª Recomendação

Avaliação e reporte

 Observação.....

 Conclusão.....

 3ª Recomendação

Exposição e reconhecimento do mérito

 Observação.....

 Conclusão.....

 4ª Recomendação

Apoio e esclarecimento

 Observação.....

 Conclusão.....

 5ª Recomendação

Continuidade e especialização

 Observação.....

 6ª Recomendação

Recomendações adicionais

 7ª Recomendação

 8ª Recomendação

 9ª Recomendação

Enquadramento

O Projecto Nacional de Educação para o Empreendedorismo (PNEE) tem sido incrementado pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) do Ministério da Educação, por incumbência da Secretaria de Estado da Educação e situa-se no quadro das medidas ministeriais de Educação para a Cidadania. Dirige-se às escolas básicas e secundárias com o intuito estas promoverem um conjunto de iniciativas conducentes ao incremento de competências (conhecimentos, capacidades e atitudes) favoráveis ao empreendedorismo.

Este projecto está em curso desde o ano lectivo de 2007/08 (teve uma fase-piloto no ano lectivo precedente) e inscreve-se no quadro da implementação de medidas de política educativa que materializem os objectivos da Estratégia de Lisboa (2000), a qual preconiza uma Europa em que o conhecimento e a inovação assumam grande centralidade.

Através de um processo de socialização escolar que integre o desenvolvimento de um conjunto de competências-chave para o empreendedorismo, ao longo de toda a escolaridade obrigatória de 12 anos, será possível preparar uma geração de jovens empreendedores. O desenvolvimento de projectos de empreendedorismo na sua formação de base contribuirá para o reforço que algumas competências/capacidades, como são a iniciativa, a criatividade, a formulação de projectos, a auto-confiança, a assumpção de riscos e a resiliência ao fracasso. Durante todo o processo são ainda trabalhadas as competências de comunicação e o relacionamento interpessoal, fundamentais para a consecução de qualquer projecto de intervenção. Como sabemos, para empreender precisa-se encarar a realidade como um conjunto de oportunidades de inovação, mobilizando a energia e as competências necessárias à sua transformação.

No quadro do sistema educativo português que progressivamente tem diversificado os canais de formação e tem reforçado a sua vocação profissionalizante e de formação para a cidadania activa, o PNEE vem complementar e/ou enquadrar-se no conjunto das áreas curriculares não disciplinares, como são a Formação Cívica e a Área de Projecto.

Assim, poderão os projectos concebidos no âmbito do PNEE reforçar e intersectar as actividades que se desenvolvem nessas áreas evitando uma excessiva segmentação de iniciativas no âmbito de cada ano de escolaridade, com as dificuldades de gestão que lhe são inerentes. Com a implementação do projecto pretende-se desenvolver um conjunto multidisciplinar e transversal de competências em torno da organização de experiências enquadradas no currículo.

A adesão ao projecto tem sido feita com base no voluntariado das escolas que se propõem implementá-lo. O projecto atingiu o seu ponto alto no ano lectivo de 2007/08, com a implementação de 353 projectos em 99 unidades escolares de gestão. Na maior parte dos casos (76%), a duração dos projectos tem sido circunscrita a 1 ano, o que limita o alcance do PNEE.

A DGIDC tem monitorizado a sua implementação e promovido encontros de acompanhamento e de formação. Muito sumariamente, foram desencadeadas as seguintes acções:

1. Realização de um Seminário nacional de lançamento do Projecto (Setembro de 2007, FCG);
2. Realização de uma Acção de Formação de 180 horas que abrangeu 135 formandos e de 4 seminários de sensibilização e de formação organizados pelas DRE;
3. Estabelecimento de protocolos de colaboração com entidades especializadas (Business Innovation Center e INTEC) para darem apoio às escolas e projectos envolvidos;
4. Elaboração e disseminação de dispositivos pedagógicos de apoio;
5. Realização de Mostras Regionais de Projectos, uma por cada DRE;
6. Criação de uma Comunidade Virtual do PNEE (Plataforma Moodle da DGIDC).

O projecto tem tido um especial desenvolvimento junto dos alunos do 12º ano (23% dos alunos envolvidos) e tem sido sustentado pelo estabelecimento de parcerias com entidades locais e/ou nacionais.

No âmbito do trabalho de Identificação e Avaliação das práticas decorrentes do *PNEE* que o CIES / ISCTE-IUL se encontra em conjunto com o Ministério da Educação a desenvolver foram, na Etapa 1 “Levantamento Nacional de Dados”, identificadas as Escolas/Agrupamentos que serviram de base ao trabalho das Fases 2 e 3, respectivamente “Realização de Estudos de Caso” e “Definição dos Materiais a Produzir”.

Entre o dia 5 e o dia 21 de Janeiro de 2011 foram visitadas pela equipa responsável pelo projecto, sempre com a presença do coordenador do estudo, oito das Escolas/Agrupamentos pertencentes ao PNEE.

Estas Escolas/Agrupamentos foram escolhidas por terem apresentado características heterogéneas que acreditamos nos permitiram ter um olhar mais sólido sobre a interpretação dos resultados do inquérito, e acima de tudo, nos permitirão uma maior segurança no conjunto de propostas e recomendações que nos propomos realizar.

Neste grupo estão escolas extremamente bem sucedidas na implementação de projectos de educação para o empreendedorismo, escolas que implementaram e desistiram, escolas que nunca foram, capazes de implementar e escolas que sentem dificuldades em implementar. A visita às escolas e conversas com os respectivos responsáveis, deu-nos a possibilidade, de com independência, interpretar os resultados obtidos, e a segurança para as recomendações que fornecemos.

Objectivos

Os encontros com as escolas tiveram por principal objectivo determinar quais, na perspectiva das escolas, as condições, processos e práticas que constituíram garante do sucesso dos projectos associados ao empreendedorismo. Ao invés, e no sentido de reforço e controlo de conclusões, foram também procuradas as razões e circunstâncias pelas quais, em determinadas escolas, projectos de educação para o empreendedorismo não funcionaram.

O Presente relatório apresenta as observações consideradas pertinentes, as respectivas conclusões e um conjunto de recomendações.

Pontos de controle no percurso educativo

Observação

Encontrámos nas escolas visitadas uma postura de interesse e grande receptividade relativamente à Educação para o Empreendedorismo e realização de projectos aplicados.

Sem excepção são reconhecidas a importância e virtudes para a comunidade educativa e respectiva envolvente da incorporação de processos conducentes a iniciativas e projectos empreendedores levados a cabo por alunos dentro do contexto escolar.

Houve sempre uma menção dos responsáveis das escolas ao facto de considerarem esta experiência muito útil na aproximação dos alunos à escola bem como um dos mais adequados e eficazes meios de aproximação dos diferentes agentes/grupos envolvidos na escola (alunos, professores, pessoal, pais e instituições externas). As várias referências aos aspectos motivacionais associados à persecução dos projectos constitui um elemento representativo do impacto positivo para toda a comunidade educativa com particular destaque para os alunos deste tipo de projectos. **As consequências directas mencionadas manifestam-se essencialmente na relação estabelecida com a escola, no maior índice de satisfação e um menor índice de abandono escolar.** Este é um aspecto onde encontrámos de forma espontânea referência unânime em todas as escolas que visitámos. Vários professores nos transmitiram a surpresa de terem visto os seus alunos empenhados em permanecer dentro da escola para além do horário estabelecido

para, de forma voluntária e por sua decisão, trabalharem nos respectivos projectos. Os professores mencionaram a existência de índices motivacionais particularmente altos no desenvolvimento do projecto. Foi-nos transmitido em todas as escolas visitadas um reconhecimento dos resultados comportamentais. Ou seja, para além da importância do resultado final de alguns dos projectos que se destacaram pela sua qualidade intrínseca, há de forma geral um reconhecimento particularmente positivo relativamente ao impacto comportamental na relação estabelecida entre os alunos e a escola por via da realização de um projecto empreendedor.

Conclusão

A Educação para o Empreendedorismo é reconhecida como sendo determinante no desenvolvimento de capacidades, atitudes e valores que promovem e desenvolvem a iniciativa de empreender (sentido de responsabilidade, sentido de risco, espírito de iniciativa, capacidade de identificar oportunidades e recursos, de realizar cálculos estratégicos e de planificar intervenções tendo em conta riscos e vantagens, capacidade de liderança e de mobilização de equipas, sentido de autonomia e autoconfiança).

A Educação para o Empreendedorismo é vista como um meio de tornar o ambiente escolar mais participativo, disciplinado e responsável.

1ª Recomendação

Proceder à disseminação da Educação para o Empreendedorismo encontrando espaço de introdução e enquadramento nos projectos e currículos a nível Nacional.

Neste contexto, é reconhecida particular importância à introdução da necessidade de os alunos de 4º, 6º, 9º, 12º e do último ano dos cursos profissionais produzirem projecto final aplicado enquadrado no âmbito do empreendedorismo.

Tempo e disponibilidade

Observação

“Tempo para” e a disponibilidade implícita são referidos como elementos fundamentais e imprescindíveis à persecução dos objectivos inerentes à Educação para o Empreendedorismo e à condução de projectos aplicados.

As escolas apontam a necessidade de corpo docente com alocação e currículo disponível nomeadamente na área de projecto que é mencionada como um elemento indispensável na condução dos projectos.

As escolas que falham referem a falta de tempo e de disponibilidade do corpo docente como o elemento que mais contribui para o insucesso do PNEE. Esse facto ocorre essencialmente em escolas onde há maior rotação no corpo docente e onde, aparentemente com correlação muito positiva, os professores moram longe da escola.

Conclusão

Tempo curricular para alunos e docentes constitui factor indispensável ao sucesso de projectos conducentes à Educação para o Empreendedorismo nos moldes apontados pelo PNEE.

2ª Recomendação

Manter e reforçar a área de projecto no Planos de estudos do ensino Básico e Secundário. Pelo que ouvimos é adequada a presença nas estruturas curriculares do 4º ao 12º ano.

Fornecer indicações às escolas para que:

- A Hora do Director de Turma também possa ser usada no apoio a projectos;
- Sejam utilizados créditos horários na “componente de estabelecimento” para acompanhamento de projectos;
- Parte do período de formação cívica seja usado para acompanhamento dos projectos;
- Exista tempo extra dos alunos para tarefas associadas ao projecto;
- Reforcem a ideia e a *praxis* de que os projectos empreendedores aplicados constituam plataformas de agregação transversal de conhecimento multidisciplinar e intervenção dos diferentes actores dentro da escola.

Reforçar as medidas que visem contribuir para índices de estabilidade elevados na composição do corpo docente das Escolas/Agrupamentos.

Avaliação e reporte

Observação

Foi mencionado pela generalidade das Escolas que a necessidade de reporte à volta dos projectos enquadrados no âmbito do PNEE, constituiu um factor de excessiva absorção de tempo. Alguns consideram esse aspecto como um dos motivos na base do abandono ou descontinuidade.

Conclusão

A anteriormente mencionada falta de tempo do corpo docente para os projectos, conjugada com uma aparente exigência de relatórios que da perspectiva da escola, apesar de acrescentarem valor, absorvem tempo que poderia ser disponibilizado a actividades de campo e de acompanhamento dos alunos, constituem factores de desmobilização e desmotivação.

3ª Recomendação

Focar a avaliação de processos e de resultados para um momento final. À medida que as escolas se familiarizem com a Educação para o Empreendedorismo o modelo de avaliação e de autoavaliação com base em resultados fará gradualmente mais sentido.

Ficará desse modo assegurado um maior grau de co-responsabilização de todos os envolvidos sem necessidade de formalismos uniformizados e intermédios.

Exposição e reconhecimento do mérito

Observação

A possibilidade de divulgação, exposição e comparação dos projectos com outras escolas e outras realidades, é considerado por todos os intervenientes como um elemento potenciador da motivação.

Conclusão

Os aspectos de reconhecimento de mérito são relevantes e tanto alunos como docentes são motivados pela possibilidade de apresentação e exposição pública dos trabalhos realizados.

Os factores concorrência e reconhecimento de mérito são elementos de motivação e concentração adicional no processo e nos resultados.

4ª Recomendação

Estabelecer uma pirâmide hierárquica de avaliação e comparação de trabalhos: Escola, Distrito e Nacional (*figura 1*).

Nesse contexto as escolas escolhem os trabalhos que irão a concurso distrital que por sua vez escolhem e indicam dentro do distrito os projectos que concorrem no panorama Nacional.

Estes eventos devem ter um carácter anual.



Figura 1

Essa exposição deve ser feita ao nível do 4º, 6º, 9º, 12º e final dos cursos profissionais, com base numa grelha matricial (*figura 2*) de modo a que a comparabilidade dos projectos possa ser feita com base numa relação entre a área de actuação e as competências desenvolvidas.

Os projectos devem ser classificados por áreas de actuação e cada projecto deve também ser avaliado no que ao desenvolvimento e presença de diversas competências diz respeito. Aconselhamos a que a classificação seja realizada com a mesma escala da usada para o ano escolar respectivo.

Competências Área	Iniciativa	Auto Confiança	Resiliência	Inovação	(...)
Voluntariado					
Energia					
Agrícola					
Saúde					
Ambiente					
Tecnologias					
(...)					

Figura 2

Sugerimos que a exposição e a avaliação relativa seja, para o 1º ciclo, exclusivamente dentro da escola, que o 3º ciclo integre o patamar distrital, e que a evolução até ao nível nacional se faça apenas para os projectos do secundário e do ensino profissional.

Apoio e esclarecimento

Observação

A generalidade das Escolas considera que a persecução de projectos empreendedores aplicados com as características propostas no âmbito do PNEE é incentivada e facilitada pela definição e enquadramento de um conjunto de regras de funcionamento, tempos e processos.

A colaboração e disponibilidade de elementos do Ministério (várias vezes foi mencionado o exemplo do Dr. Vítor Figueiredo) é considerado aspecto facilitador e indutor de dinâmica.

Conclusão

Introduzir linhas mestras orientadoras simplificadas contribuirá para uma desmistificação das eventuais dificuldades. Garantir meios de proximidade e rapidez de resposta facilitará a implementação do Projecto Empreendedor Aplicado.

5ª Recomendação

Seja produzido e facultado à escolas um Manual simplificado de apoio ao funcionamento do projecto empreendedor aplicado. A disponibilização de uma linha/mail de apoio ao nível do ministério ou das direcções regionais serve de elemento de apoio às eventuais situações onde as Escolas/Agrupamentos sintam maiores graus de dificuldade e necessitem de celeridade na resposta.

Adicionalmente, e como factor facilitador, nomeadamente para as Escolas/Agrupamentos menos preparados e mais inexperientes a disponibilização de um “tutorial” online em forma de filme é recomendável.

Continuidade e especialização

Observação

Verificámos que a continuidade dos projectos e a correspondente evolução e aperfeiçoamento dentro das Escolas/Agrupamentos saem lesados por detalhes cujo reparo é simples.

As próximas recomendações têm por objectivo o reforço da continuidade, inovação e aperfeiçoamento das áreas de projecto empreendedor aplicado que as escolas venham a adoptar.

6ª Recomendação

A constituição de grupos de trabalho com alunos de anos diferentes promove a continuidade e o aperfeiçoamento dentro da escola de determinadas áreas de projecto

aplicado. Melhorando evoluindo e distinguindo resultados, contribuirá para melhor rentabilizar o esforço de toda a comunidade educativa.

Recomendações adicionais

7ª Recomendação

Fomentar um conjunto de relações continuadas com entidades externas – públicas, privadas, escolares e universitárias, ONG's e autárquicas é um dos pilares fundamentais ao desenvolvimento sólido da área de projecto empreendedor aplicado, em linha e de reforço à 6ª recomendação.

8ª Recomendação

Ao nível do 1º, 2º e 3º ciclo é adequado introduzir componentes de temas relacionados com a gestão de dinheiro e recursos materiais, nomeadamente usando dinheiro fictício de forma a que os alunos possam tomar contacto com o conceito de escassez e respectiva gestão.

9ª Recomendação

Na sequência das recomendações anteriores, é aconselhável que as escolas identifiquem e desenvolvam áreas específicas de projectos onde se distingam e especializem. Desse modo a diferenciação das escolas e respectivos projectos far-se-á por uma crescente especialização. A área de projecto empreendedor aplicado pode constituir uma das plataformas de diferenciação do posicionamento estratégico e programático do Projecto Educativo de cada escola/agrupamento.

ISCTE-IUL, 4 de Fevereiro 2011

Eduardo Baptista Correia

(coordenador do projecto)